



Mediações Sociotécnicas: Propostas de Incentivo à Pesquisa Acadêmica em Prol da Cidadania¹

Filomena Maria Avelina BOMFIM²
Universidade Federal de São João del-Rei

Káthia Maria LEAL³
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Resumo

A proposta deste trabalho é refletir sobre a possibilidade de engajamento de pesquisas acadêmicas dentro de seu contexto imediato. Este artigo reflete sobre interações sociotécnicas consideradas como espaços de cidadania em favor dos grupos socialmente excluídos. Para isso, este trabalho propõe a criação de uma linha de pesquisa para Programas de Mestrado em Interações Midiáticas voltada exclusivamente sobre essa temática, que abrigue a disciplina de Inclusão/Exclusão Social, Cultura, Identidade, Cidadania e Técnica; essa poderia constituir uma sugestão para os programas de pós-graduação *stricto sensu* que desejem contribuir com o processo de trocas simbólicas desenvolvidas em favor da cidadania.

Palavras-chave: Alteridade; Cidadania; Identidade; Inclusão/Exclusão Social; Técnica

1 – Introdução

Os estudos acadêmicos relacionados à comunicação passam por um momento de re-configuração que reflete sobre o engajamento dos processos comunicativos no contexto social, para além das análises teóricas e epistemológicas centradas apenas em teorias. Faz-se necessário ressaltar a vertente que se dedica aos estudos conceituais relevantes para a compreensão dos contextos e a comunicação em si mesma. Assim sendo, parece ser urgente a necessidade de se pensar a comunicação a partir dos atores que compõem os cenários sociais.

A afirmação anterior se assenta em uma perspectiva que prevê a necessidade do diálogo, das trocas e do convívio dos indivíduos em sociedade para que se estabeleça um processo comunicativo. Portanto, estudar propostas nos programas de pós-

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a cidadania, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal de São João del-Rei, email: myosha@gmail.com.

³ Mestranda do Programa de Pós-graduação da PUC Minas em Comunicação e Interações midiáticas: kathialeal_jor@yahoo.com.br.



graduação em *stricto sensu* vem a calhar com as novas demandas sociais e comunicacionais.

Ao avançar nessa proposta é possível encontrar um ponto para o qual converge - pelo menos enquanto objeto empírico - grande parte das pesquisas atuais da comunicação: a comunidade. Ao prosseguir nessa linha pensamento pode-se chegar aos estudos acerca da comunicação e cidadania, que visa apresentar um modelo em que a sociedade lança mão de instrumentos para exercer os direitos à comunicação.

A partir do momento em que há uma busca por privilegiar tal foco, entende-se que se insere um elemento novo no bojo dos estudos abarcados pelos programas de pós-graduação *stricto sensu*, abrindo-se para a perspectiva de trabalhos com as linguagens e mediações sociotécnicas direcionados para reflexões de cunho sociológico e político subjacentes aos processos de disseminação de trocas simbólicas que, pelo seu alto nível seletivo, possam excluir ou deixar de incluir parcelas de determinados públicos.

Por isso, é preciso debruçar-se na investigação das estratégias de disseminação das trocas simbólicas comprometidas com a garantia da distribuição de formas e/ou padrões estéticos voltados para a recuperação e processos de reintegração social de grupos e/ou indivíduos não inseridos nas atuais estruturas técnicas de veiculação e trocas de conhecimentos, experiências, aflições e informações.

Para que se possa realizar tal propósito, torna-se necessário identificar essas estratégias e mecanismos de linguagem vigentes nas estruturas técnicas de veiculação de informações atuais atreladas à possibilidade de garantia e/ou estímulo da distribuição de modelos estéticos direcionados à recuperação e processos de reintegração social de grupos e/ou indivíduos; em seguida, é essencial que se indique os públicos potenciais aos quais se destinam. Depois disso, é preciso avaliar se tais formas estéticas têm atendido (ou não) o propósito de recuperar e reintegrar socialmente grupos e/ou indivíduos marginalizados pelas estruturas técnicas de veiculação de informações contemporâneas. Finalmente, pretende-se propor novos modelos estéticos comprometidos com a garantia de distribuição e negociação dessas formas e/ou padrões estéticos.

Portanto, pretende-se estudar as possibilidades de inserção - nos cursos de pós-graduação, *stricto sensu* - de temáticas relacionadas às linguagens e mediações sociotécnicas como ambientes e/ou grupos de pertencimento em que navegam sujeitos interpretantes em busca de trocas simbólicas que lhes favoreçam a elevação do seu padrão de acesso à informação.



O objetivo geral dessa proposta é, pois, investigar, discutir, avaliar e propor estratégias e mecanismos de linguagem disseminadores de trocas simbólicas que pretendam garantir e/ou estimular a distribuição de formas e/ou padrões estéticos voltados para a recuperação e processos de reintegração social de grupos e/ou indivíduos não inseridos nas atuais estruturas técnicas de trocas de informações.

Percebe-se que uma perspectiva crítica e interdisciplinar norteia essa elaboração e proposição didático-pedagógica, nas interfaces e atravessamentos entre o ciberespaço, a comunicação virtual, as novas tecnologias, a Internet, o campo da Comunicação Social e as possibilidades de interações midiáticas em todas as suas manifestações.

2 – Justificativa

Nesta proposta de trabalho, entende-se as interações midiáticas como estratégias e mecanismos de linguagem propagadores de intercâmbios simbólicos de natureza inclusiva. Isto significa que tais ferramentas se propõem a recuperar processos de reintegração social de sujeitos interpretantes alijados das dinâmicas de produção de sentidos em ato. Desta forma, focaliza-se neste planejamento práticas comunicativas reconhecidas (ou não) pelos organismos-repositórios de instrumentos de linguagem e de mediação sociotécnica que possam, de alguma forma, contribuir para a recuperação e para o desenvolvimento de processos de reintegração social.

Assim como em outras áreas do conhecimento é possível analisar o contexto social e apresentar novas propostas que dão conta de gerar mudanças imprescindíveis para o desenvolvimento social, por meio do exercício da cidadania.

Trata-se, portanto, de criar, expandir e/ou restaurar fóruns de discussão, espaços de sociabilidade, além de modelos de comunicação que permitam e/ou estimulem a divulgação ampla e irrestrita de informações que possam colaborar para a transformação de receptores de informação não apenas em emissores, mas em agentes comunicacionais ativos, críticos e engajados no resgate das propostas democratizantes e inclusivas da era informacional. Em consequência, entende-se que esse tipo de debate seja relevante e pertinente para o desenvolvimento do campo da Comunicação Social em um contexto tão desafiador como o da contemporaneidade.

Contudo, processos de apatia, descrença e de ausência de sentido - vividos em regimes ditatoriais - parecem se desenvolver em meio ao silêncio das antigas propostas de ação obsoletas para a atualidade. Mais que isso, essa apatia, descrença e ausência de sentido parecem constituir canais que gestam e veiculam manifestações de censura



econômica potentes que se infiltram na sociedade a partir de procedimentos de sofisticação e encantamento das tecnologias a que os grupos marginalizados não têm acesso.

Entende-se que a reflexão sobre tal panorama pode ser desencadeada com mais propriedade, na medida em que se enfrenta a questão da técnica tão bem apresentada por Martin Heidegger, ou seja, quando se analisa a função, as condições de utilização e a intenção com que se utiliza a técnica na sociedade contemporânea. Para tal mesa redonda, não se pode deixar de evocar o legado de Vilém Flusser ao se referir ao “aparelho” em função do qual a atualidade vive e desenvolve seus processos de significação, criados a partir de interações midiáticas. Somados a Marshall McLuhan, tais teóricos parecem constituir uma base sólida a partir da qual se possa observar a tecnologia como uma linguagem e também como um instrumento de mediação sociotécnicas, cujo estudo parece ser indispensável para o entendimento da enunciação dos processos comunicacionais contemporâneos.

Por isso, parece ser relevante a reflexão sobre possibilidades de recuperação e reintegração social de grupos excluídos política, social e economicamente, já que a organização reticular da sociedade em rede pode ser muito mais “oxigenada”, na medida em que a informação flua livremente por todos os seus condutos, recebendo, por isso mesmo, contribuições locais desconhecidas dos processos globalizadores. Tais adições podem trazer - pelo seu inerente ineditismo e criatividade - a possibilidade de interações midiáticas inusitadas, capazes de enriquecer o conjunto de práticas comunicativas em vigor na atualidade.

Pelo simples fato de não estarem inseridos na estrutura central da sociedade globalizada, esses grupos podem ter desenvolvido modelos alternativos para a democratização de seus processos comunicacionais, que dificilmente poderiam ser concebidos pelos atuais centros tomadores de decisões, já que tais elementos não precisam enfrentar com tanta frequência e intensidade os mesmos sistemas obstacularizadores à sua ação e, em conseqüência, desenvolver uma identidade de resistência. E é justamente essa identidade que motiva a investigação de processos alternativos de interações midiáticas, gerados a partir do enfrentamento de circunstâncias comunicacionais hostis ao seu desenvolvimento.

Assim, pretende-se investigar aqui o estudo aprofundado de iniciativas de interações midiáticas desenvolvidas em ambientes comunitários, em movimentos sindicais e religiosos, em organizações não-governamentais, em regiões distantes dos



grandes centros, no terceiro setor, em movimentos populares, em grupos de pessoas com deficiências, idosos, adolescentes e crianças, dentre outros, com o objetivo de aumentar, incrementar e criar modelos/fóruns promotores de maior acessibilidade à informação.

3 - A apropriação social dos resultados de pesquisas acadêmicas

A sociedade informacional tem exigido atualizações freqüentes e rápidas capazes de atender com presteza às necessidades emergentes, quer sejam elas temporárias ou não. Portanto, junto com a pesquisa pura, a pesquisa aplicada - em destaque neste documento - pretende-se devolver ao mercado, aos setores e às regiões, investimentos significativos em tempo e em valores, realizados na formação de profissionais deste campo.

No que tange às iniciativas regionais, essa proposta espera oferecer opções de investigação, trabalho e proposição de pesquisas relacionadas à fixação do homem e da mulher no seu reduto, evitando o êxodo para as capitais já exauridas em seus recursos e posições. Quanto ao grupo de pessoas com deficiência, estima-se investigar opções de linguagem e de mediação sociotécnicas que equiparem tais elementos aos demais, em termos de capacidade de acesso informacional para que eles mesmos indiquem, por meio de pesquisas, e escolham, no mercado contemporâneo, alternativas de interações midiáticas mais adequadas às suas necessidades de acesso à informação.

A partir do desenvolvimento de linguagens e de mediações sociotécnicas, vão poder articular - tanto vertical quanto horizontalmente - discussões dedicadas à preservação de direitos já conquistados e ao debate de direitos e deveres de ambos os agentes comunicacionais em foco, com vistas à investigação de novas questões trazidas à tona, por exemplo, pelo aumento do número de aposentados em uma sociedade em que o número de idosos cresce dia a dia, devido à ampliação do índice de expectativa de vida entre os idosos. Em decorrência, torna-se mister refletir sobre a possibilidade de investigar o desenvolvimento de linguagens e de mediações sociotécnicas comprometidas com a elevação do padrão de qualidade de vida daqueles acima de 60 anos, com relação ao acesso informacional.

Adolescentes e crianças não poderiam ser relegados a um segundo plano nesta proposta, já que, apesar de terem sido alfabetizados a partir da utilização e exploração de dispositivos hipermediáticos, têm de se adequar à realidade de escolas de ensino fundamental e médio, desprovidas e/ou que oferecem reduzidos recursos que garantam



o acesso às informações digitalizadas. Além disso, os próprios professores apresentam-se significativamente despreparados para a orientação do uso da tecnologia disponível, somado à sua própria incapacidade de usufruir desses mesmos recursos em suas pesquisas e/ou preparação das aulas. Portanto, a reflexão sobre o desenvolvimento de linguagens e de mediações sociotécnicas bastante simplificadas, que estimulem a exploração dessas novas mídias e das novas possibilidades de interações midiáticas parece ser de fundamental relevância para que tais linguagens e mediações possam ser reconhecidas também como ferramentas educacionais capazes de potencializar o acesso à informação.

A exploração de novos padrões estéticos por meio de experiências radicais (ou não) aliadas à videoarte e à webart parecem ser resultados naturais observados pelos públicos já mencionados, quando desenvolvem – por meio das linguagens e das mediações sociotécnicas – a intimidade com o uso da técnica e da investigação de possibilidades singulares de expressão viabilizadas em tais cenários. Entretanto, os movimentos comunitários e populares podem encontrar em tais pesquisas direcionadas à investigação de novas formas de expressão um lugar privilegiado para veicular linguagens particulares de grupos que, ao serem divulgadas amplamente, podem ser reconhecidas e fortalecer o seu próprio valor cultural por meio da consciência da própria identidade. Tal circunstância pode constituir a base para o desenvolvimento da valorização do seu caráter e da possibilidade de contribuir – de alguma forma – como enriquecimento do patrimônio cultural local e, com certeza, global, a partir da ampliação das possibilidades de trocas simbólicas com vários interlocutores.

ONGs também podem garantir, por meio da investigação das estratégias de veiculação e mecanismos de linguagem, a divulgação contextualizada de suas causas por meio da adequação dos discursos, possibilitada pela multiplicidade de interações midiáticas disponíveis na contemporaneidade, podendo assim atingir com mais eficácia e pertinência seus públicos potenciais e simpatizantes cooptáveis. Da mesma forma, o terceiro setor pode investigar linguagens e mediações que focalizem estratégias que priorizem e veiculem discursos voltados às práticas de responsabilidade social e cidadania. Merecem destaque nesse sentido, as interações midiáticas que valorizem exercícios de solidariedade e trabalho colaborativo, em contraposição a estímulos à competitividade exacerbada e à defesa dos próprios interesses em detrimento das necessidades do todo.



4 – Estudos sobre comunicação e cidadania

Entende-se que o marco teórico dessa proposta é significativamente determinante para que se perceba os fundamentos que vão sustentar a discussão que se propõe neste estudo. Na verdade, é esse contexto que empresta autoridade ao trabalho, na medida em que ele permite o estabelecimento de um sistema eminentemente interdisciplinar sobre o qual se constroem relações de causa e efeito, dentro da matriz que as linguagens e mediações sociotécnicas dão conta de abarcar. Portanto, como conceitos norteadores para essa disciplina destacam-se: cidadania, identidade, alteridade, inclusão/exclusão social e técnica.

Segundo Cicília Peruzzo, cidadania é:

A qualidade social de uma sociedade organizada sob forma de direitos e deveres majoritariamente reconhecidos. Trata-se de uma das conquistas mais importantes na história. Do lado dos direitos, repontam os ditos direitos humanos, cuja conquista demorou milênios. Do lado dos deveres, aparece, sobretudo, o compromisso comunitário de cooperação e co-responsabilidade. Cidadania pressupõe o estado de direito, que parte, pelo menos na teoria, da igualdade de todos perante a lei e do reconhecimento de que a pessoa humana e a sociedade são detentores inalienáveis de direitos e deveres (PERUZZO, 2004, p.279).

Num contexto de desigualdades como o brasileiro, é absolutamente necessário que se tenha a oportunidade de exercer efetivamente os direitos civis e políticos, já assegurados, e de conquistar definitivamente os direitos sociais. Nesse processo, a participação se torna não só um ato político, mas também educativo, na medida em que, por meio dela, são conquistados espaços maiores.

Por isso mesmo, Peruzzo declara que a participação objetiva é a partilha da informação. Entretanto, adverte que a informação só constituirá instrumento de poder quando for socializada, para conferir dessa forma autoridade aos grupos sociais.

É neste cenário que a autora acredita na importância dos meios de comunicação popular para o desenvolvimento da sociedade. Levando em conta tal princípio, pode-se inferir que as interações midiáticas manifestadas na contemporaneidade podem se constituir redutos de participação objetiva, pelo fato de que por meio das linguagens e das mediações sociotécnicas em foco, seja possível compartilhar informações, respeitando-se sobremaneira as singularidades das formas de expressão de certas comunidades. Assim, cada indivíduo pode exercer de fato “o direito e o dever de



participar ativamente da construção da sociedade, coletivamente, como sujeitos livres da história” (PERUZZO, 2004, p.303).

Por sua vez, Thomas Marshall (1967) diz que a princípio as pessoas são consideradas individualmente; contudo, ao nascer o homem está sujeito a uma série de determinantes que influenciam desde seu tipo físico – homem, mulher, oriental, ocidental, branco, negro, com necessidades educacionais específicas ou não – até seu grupo social e cultural de origem. Esses determinantes existem e geram diferenças entre as pessoas. O mais importante, porém, é que esses elementos podem tornar-se conscientes desses condicionamentos e então refletir sobre eles, seja respeitando e sendo respeitados em suas diferenças, seja modificando sua visão de mundo, revendo preconceitos e adotando uma postura crítica em relação à sociedade.

Nesse sentido, a utilização das estratégias de veiculação e mecanismos de linguagem que atuam na produção de trocas simbólicas podem se investir do papel de canais, por meio dos quais se pode influenciar e ser influenciado, contribuindo assim para a geração e desenvolvimento de novas oportunidades de intercâmbios. Isto significa que as linguagens e mediações sociotécnicas podem ser encaradas como fatores de desenvolvimento e construção da cidadania. Em conseqüência, a própria elaboração e/ou disseminação de novos tipos de linguagens já constituem, por si só, exercícios de cidadania à disposição das comunidades, por meio das interações midiáticas.

Com isso, pode-se perceber que é no bojo das interações midiáticas cotidianas, que a cidadania revela seu pleno potencial, como também suas incongruências. Contudo, esse desvelamento só pode ocorrer nos exercícios de experimentação de linguagens e mediações sociotécnicas que tecem uma rede de relações, entre as quais o sentido se produz.

Dessa forma, acredita-se que seja possível utilizar linguagens e mediações sociotécnicas inovadoras para divulgar e compartilhar usos e práticas criativas; pode-se também, em determinados contextos, orientar grupos marginais para que consigam se incluir socialmente de forma diferenciada, por meio de uma ação engajada, de acordo com o contexto.

Dessa forma, acredita-se que o estudo dessas linguagens e mediações sociotécnicas possa contribuir sobremaneira para que se alcance tal meta, já que o campo das interações midiáticas pressupõe e estimula, por sua própria natureza, a ousadia e a inventividade em seus experimentos. Por meio deles, o conceito de



cidadania pode se materializar dentro de cada grupo, quando este reflete sobre suas ações cotidianas e busca compreender sua história, procurando entender as relações e as interações midiáticas delas resultantes, e que se estabelecem dentro do grupo, entre o grupo e a comunidade e entre a comunidade e o mundo.

Stuart Hall (SILVA; HALL; WOODWARD, 2000) diz que a partir do grupo onde nasce o conceito de cidadania cria-se uma identidade. É na tentativa de rearticular a relação entre sujeitos e práticas discursivas que a questão da identidade, ou melhor, da identificação, vai aparecer. A identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são compartilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal.

Entretanto, as identidades – para Hall – estão sujeitas a uma historicização radical, estando em constante processo de transformação. Elas têm a ver com a utilização dos “recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos”. Não se relaciona tanto com “as questões ‘quem nós somos’ ou ‘de onde nós viemos’, mas muito mais com as questões ‘quem nós podemos nos tornar’, ‘como nós temos sido representados’” e como tal representação afeta a forma como o indivíduo representa a si (SILVA; HALL; WOODWARD, 2000, p. 109).

Entende-se, então, que as identidades são construídas por meio das diferenças e não fora delas. Portanto, estratégias de veiculação e mecanismos de linguagem parecem merecer redobrada relevância neste cenário, pelo fato de atuarem na produção de trocas simbólicas em circulação nos grupos sociais, fomentando o desenvolvimento de novas identidades por meio de interações midiáticas inusitadas.

Tal fato fica patente quando Hall declara que as identidades podem significar o ponto de encontro entre:

os discursos e as práticas que tentam nos interpelar, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode falar. (SILVA; HALL; WOODWARD, 2000 p.111).

As linguagens e mediações sociotécnicas constituem processos múltiplos. Da mesma forma, para Hall as identidades não são unificadas, mas são construídas ao longo de discursos, práticas e posições que cada indivíduo ocupa dentro da sociedade. Por isso



mesmo, as identidades estão “constantemente em processo de mudança e transformação”, diz. (SILVA; HALL; WOODWARD, 2000, p.107).

Tal cenário parece propiciar a reflexão sobre os princípios que fundamentam as formas estéticas midiáticas, pelo fato de que ele se fundamenta na pesquisa das relações entre processos possivelmente conduzidos e/ou experienciados por indivíduos, cujas identidades também estão em constante processo de mudança assim como as formas estéticas midiáticas em questão. Portanto, apesar de complexificar ainda mais o quadro dinâmico das interações midiáticas contemporâneas, o pensamento de Silva, Hall e Woodward é familiar, pois reflete incongruências e questionamentos semelhantes em ambiente diverso, mas igualmente dinâmico.

Para Castells, as identidades, por sua vez, constituem fontes de significado para os próprios atores, por eles originadas, e construídas por meio de um processo de individuação. Segundo o autor, toda e qualquer identidade se dá “através de memória coletiva e fantasias pessoais que são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedade”. Estes fatores reorganizam a identidade em “função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espaço” (CASTELLS, 2001, p.23).

Isto significa que cada indivíduo pode responder à sua identidade de acordo com o local onde estiver, dependendo das possibilidades de trocas simbólicas a que estiver exposto naquele ambiente, bem como das estratégias de veiculação e mecanismos de linguagem que possam produzir intercâmbios de sentido.

Para o autor, “toda e qualquer identidade é construída” (CASTELLS, 2001, p.23), o que corresponde ao meio em que cada indivíduo vive, aos percursos vividos desde o seu nascimento, e como ou com quem ele vai se relacionar durante esse período.

Entretanto, Castells acrescenta também que a identidade de um indivíduo pode ser construída de três formas distintas: como identidade legitimadora, instituída pela classe dominante; como identidade de resistência, ou seja, criada por indivíduos que não acatam processos de marginalização, e que de alguma forma tentam se manifestar dentro da sociedade, buscando sua valorização e um espaço de interlocução; e por fim, esse estudioso destaca a identidade de projetos. Nesta modalidade identitária, acredita-se que a exposição de um indivíduo a experiências de criação que veiculem trocas simbólicas e cristalizações de sentido várias, pode propiciar o florescimento de novas identidades subjacentes e/ou latentes que estimulam o questionamento de modelos



vigentes de relações entre indivíduos, entre processos fabuladores e entre estruturas técnicas de veiculação de informações. Assim sendo, as linguagens e mediações sociotécnicas podem favorecer dinâmicas de redefinição de posições na contemporaneidade, a partir do desenvolvimento e consciência de novas identidades desencadeadas por meio de interações midiáticas múltiplas.

Apesar da complexidade do panorama até agora apresentado, torna-se indispensável aliar à discussão de identidade, o debate sobre alteridade. Para França (2002), a discussão da identidade está intimamente ligada ao debate sobre alteridade. Com isso, ela propõe a análise da diferença ao afirmar que “nós e o outro somos pares indissociáveis” e que, em consequência, “a identidade se constrói assim nessa interseção entre discursos que nos posicionam e o nosso movimento de nos posicionarmos enquanto sujeitos do mundo”. (p. 28)

Portanto, em tal contexto, as interações midiáticas – ao possibilitar os cruzamentos de linguagens e de mediações sociotécnicas variadas – fortalecem o aparecimento de identidades díspares, em que as diferenças se constituem ingredientes fundamentais para potencializar a riqueza semântica desses fóruns de trocas simbólicas e cristalizações de sentido em circulação. Desta forma, tal dinamismo provoca o surgimento de possibilidades múltiplas de invenções que criticam os modelos vigentes de produção de sentido presentes na mídiasfera.

Na verdade, a linha de pesquisa para a qual se propõe esta alternativa parece se fundamentar em discussões sobre similaridades e diferenças próprias de formas e/ou padrões estéticos midiáticos produzidos a partir de relações entre processos fabuladores e estruturas técnicas de veiculação. Não por coincidência, evoca-se aqui o pensamento de Vera França quando ela afirma que “não são os discursos prontos que vão nos revelar as tramas identitárias, mas o espaço das relações, das interseções entre discursos e posicionamentos dos sujeitos”. (2002, p. 28) Trata-se, portanto, de acreditar que assim como a interação entre indivíduos determina o reconhecimento do que é similar e do que é diferente, as interações midiáticas, por sua vez, podem determinar os princípios que fundamentam a diversidade de modelos estéticos midiáticos em cena na contemporaneidade.

A discussão sobre o conceito da técnica parece ser obrigatória neste panorama, a partir do momento em que as linguagens e mediações sociotécnicas são veiculadas por interações midiáticas que obviamente acontecem entre aparatos tecnológicos. Devido a isso, questões relacionadas ao desvelamento de estratégias de veiculação e mecanismos



de linguagens são indiscutivelmente desenvolvidas por Martin Heidegger, quando ele argumenta acerca da essência da técnica e das relações de causa efeito resultantes da interação entre as condições de produção das linguagens e mediações sociotécnicas, seus formatos e/ou modelos, bem como das intenções a partir das quais são geradas.

Entretanto, Flusser também contribui decisivamente para o enriquecimento de tal mosaico, quando disserta sobre o homem, o mundo e a linguagem no processo de produção de sentidos viabilizados pelos media. Reforçando os pressupostos apresentados por Heidegger, segundo ele, sem entender a filosofia da técnica, não se pode refletir consistentemente sobre as possibilidades de criação de significados na vida contemporânea. Assim, ele contribui decisivamente para a discussão sobre os princípios que fundamentam o desenvolvimento das formas estéticas midiáticas e também para a análise das linguagens das produções veiculadas pelos sistemas midiáticos vigentes, além daqueles mais radicais em processo de criação.

Contudo, a presença de Herbert Marshall McLuhan é extremamente bem vinda nesse cenário, pelo fato de ele sugerir em seus trabalhos a identificação entre o meio e a mensagem. Sua máxima, mundialmente reconhecida e fundamentada nos dois teóricos citados anteriormente, pressupõe que a mensagem e a linguagem se identifiquem de tal forma que componham uma única entidade gerada por estratégias de veiculação e mecanismos de linguagem que interferem decisivamente no conteúdo da mensagem em processo de difusão. Dessa forma, relações intrínsecas ao aparato tecnológico vão poder, dentro de tal contexto, determinar a natureza das interações midiáticas e, portanto, o conteúdo das trocas simbólicas mediatizadas por tais cruzamentos.

Além disso, as proposições desse estudioso canadense – referentes à crença de que as linguagens e mediações sociotécnicas constituam ambientes em que transitam produções de sentido, além dos mencionados intercâmbios simbólicos – parecem ser por demais pertinentes para que se desenvolva e avalie as possibilidades inventivas que se apresentam na mídiasfera.

5 – Uma proposta de trabalho

Ao considerar o panorama dos estudos relacionados à comunicação e espaços de cidadania surge a proposta de criação de linhas que investiguem, a princípio, as estratégias de veiculação e mecanismos de linguagem que atuam na produção das trocas simbólicas e cristalizações de sentido que circulam socialmente. O foco na enunciação dos processos comunicacionais pretende ocasionar a reflexão sobre os princípios que



fundamentam as formas estéticas midiáticas; e essa reflexão deve ser consubstanciada na pesquisa das relações entre processos fabuladores e estruturas técnicas de veiculação. Tal perspectiva abarca a análise da linguagem, tanto das produções veiculadas pelos sistemas midiáticos já estabelecidos, quanto das experiências mais radicais de criação, como a videoarte e a webart, que colocam em crise os modelos vigentes de produção e apontam para possibilidades inventivas na mídiasfera.

A partir dessa referência, procurou-se estruturar quatro unidades de ensino, nas quais se pretende distribuir o conteúdo programático em cerca de 48 horas, divididas em encontros de três horas semanais ao longo de, aproximadamente, quatro meses de trabalho.

Na primeira unidade, procura-se discutir com os mestrandos os conceitos que norteiam a disciplina (Inclusão/Exclusão Social, Cultura, Identidade, Cidadania e Técnica) que permitem a visualização do panorama atual, a partir da compreensão do que ocorre no mundo contemporâneo, submetido às possibilidades de linguagens e mediações sociotécnicas. E, em consequência, das incongruências, complexidades, desafios, paradoxos e perplexidades trazidos pelas interações midiáticas na atualidade. Portanto, pretende-se capacitar os pesquisadores para que percebam o contexto dinâmico em que operam as relações entre os grupos de sujeitos interpretantes e entre os diversos modelos de interações midiáticas na sociedade contemporânea, entendida como um espaço de convergência de todos esses cruzamentos.

Para que se desenvolva essa parte do conteúdo, serão utilizadas seis horas. Pretende-se aplicar um trabalho inicial, solicitando a produção de um ensaio sobre os conceitos básicos da disciplina, com o objetivo de se obter uma avaliação da percepção dos mestrandos sobre os fundamentos da disciplina.

A segunda unidade terá como foco o dilema da utilização das várias linguagens e mediações sociotécnicas vigentes, a partir da necessidade e/ou exigência crescente de elevação do padrão de acesso à informação, pelos públicos potenciais. Para tanto, discutir-se-á as estratégias e mecanismos de linguagens vigentes nas estruturas técnicas de veiculação de informações atuais, apreciando-se suas possibilidades de garantia e/ou estímulo da distribuição de modelos estéticos direcionados à recuperação e processos de reintegração social de grupos e/ou indivíduos. Ou seja, espera-se estimular o desenvolvimento do aparato crítico-interpretativo desses formadores de opinião, para que disseminem processos de questionamento e apreciação das linguagens e mediações sociotécnicas em vigor nesta era informacional.



No desenvolvimento desse conteúdo, serão despendidas nove horas. A avaliação de tal conteúdo será realizada por meio da produção de estratégias e mecanismos de linguagens específicos para as linguagens e mediações sociotécnicas vigentes na contemporaneidade.

Prepara-se então o terreno, para que se desenvolva a terceira unidade, ou seja, o momento em que se pretende estabelecer um quadro comparativo entre as várias produções desenvolvidas para os diversos modelos de interações midiáticas. Espera-se, assim, apreciar as possibilidades de recuperação e processos de reintegração social de grupos viabilizados pela utilização de formas e/ou padrões estéticos veiculados pelas linguagens e mediações sociotécnicas em ato na sociedade. Espera-se que 12 horas de trabalho sejam suficientes para a apresentação, discussão e comparação entre os modelos propostos.

Na quarta unidade, pretende-se propor a investigação de novas estratégias de veiculação e mecanismos de linguagem para a produção de trocas simbólicas, a partir da pesquisa das relações entre processos fabuladores e estruturas técnicas de veiculação atuais, em suas polêmicas estruturas. Pretende-se estimular o desenvolvimento de experiências radicais de criação. A avaliação proposta será a elaboração de um artigo científico a ser apresentado em congressos da área, em que se possa discutir o desenvolvimento de sistemas crítico-interpretativos inéditos que tenham condições de criticar os modelos vigentes de produção. Espera-se que se apresentem sugestões de novas possibilidades de linguagens e mediações sociotécnicas. O tempo disponível para esta unidade – ou seja, 21 horas – será utilizado para a apresentação dos experimentos desenvolvidos em seminários, seguidos de debates e/ou discussões.

6 - Referências Bibliográficas

CASTELLS, M. **A sociedade em rede - A era da informática: economia, sociedade e cultura**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2001.

FLUSSER, Vilém. **A dúvida**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999. 98p.

_____. **Ensaio sobre a fotografia**: para uma filosofia da técnica. Lisboa: Relógio D'Água, c1998. 96p. (Coleção mediações ;4)

_____. Entre o provável e o impossível. **Resgate : Revista de Cultura**, Campinas, SP , n.3 , p.16-20, jul. 1991.



_____. **Ficções filosóficas**. São Paulo: Edusp, 1998. 204p.

_____. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002. 82p.

FLUSSER, Vilém et al. **Ars telemática**: telecomunicação, internet e ciberespaço. Lisboa: Relógio D'Água, c1998. 282p.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Discurso de identidade, discurso de alteridade: a fala do outro. In. FRANÇA, Vera Regina Veiga (org.). **Imagens do Brasil, modos de conviver**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____. et all. **Marshall McLuhan: The man and his message**. Toronto: Golden, 1989.

_____. e Fiore, Q. **The Medium is the Massage: An Inventory of Effects**. New York: Bantam Books, 1967.

_____. e Fiore, Q. **War and Peace in the Global Village**. New York: Bantam Books, 1968

_____. e Powers, B. **The Global Village**. New York/Oxford: Oxford University Press, 1989.

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. 229p. (Pensamento humano)

_____. **Da experiência do pensar**. Porto Alegre: Globo, 1969. 54p.

_____. **A essência do fundamento**. Lisboa: Edições 70, 1988. 109p. (Biblioteca de filosofia contemporânea; 9)

_____. **A questão de técnica**. IN: **Ensaio e conferências**. Paris: Galilimard, 1980.

MARSHALL, Thomas Humphrey. **Cidadania, Classe Social e Status**. [Trad. Meton P. Gadelha]. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.

PERUZZO, Círcia Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

SILVA, T T.; HALL, S.; WOODWARD, K (Orgs.). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.